
O jornalismo móvel digital como objeto de pesquisa em Comunicação¹

Alice Oliveira de ANDRADE²

Itamar de Moraes NOBRE³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Os dispositivos móveis digitais vêm sendo utilizados na prática jornalística em seus mais diversos procedimentos produtivos, causando mudanças nas rotinas laborais e também no formato do conteúdo jornalístico disseminado pelas empresas de comunicação, cada vez mais voltado para a convergência. Diante desse quadro, cabe aos estudos da Comunicação promover ponderações acerca dos possíveis tensionamentos dessas novas práticas. No entanto, a delimitação de um campo de estudo tão amplo é passível de questionamento. A partir da metodologia da pesquisa bibliográfica, o presente artigo tem o objetivo de refletir teoricamente acerca da mobilidade como objeto de estudo científico da Comunicação a partir de uma breve reflexão da economia política e do conceito de jornalismo móvel digital.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos da mídia; Comunicação; Mobilidade; Jornalismo móvel digital; Pesquisa.

INTRODUÇÃO

O meio virtual reordenou diversos contextos de produção e interação da vida humana. Com o desenvolvimento das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), a produção digital da informação passou por uma descentralização, deixando de ser exclusividade das plataformas *desktop* e ampliando o espaço dos dispositivos móveis digitais (*smartphones* e *tablets*, por exemplo) no cotidiano das pessoas. Em uma sociedade cada vez mais imersa em um contexto de mobilidade digital, o jornalismo também acompanha a absorção dessas tecnologias em suas rotinas produtivas. Apesar de sempre estar ligada à mobilidade no sentido de deslocamento, pois a disseminação de

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN). Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Bolsista CAPES. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Epistemologias e Práticas Emergentes e Transformadoras em Comunicação, Mídias e Cultura (Ecomsul/UFRN). Email: aliceandrade@live.com

³ Docente e pesquisador do Departamento de Comunicação Social (DECOM) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Epistemologias e Práticas Emergentes e Transformadoras em Comunicação, Mídias e Cultura (Ecomsul/UFRN). Pesquisador do OBES - Observatório Boa-ventura de Estudos Sociais, em convênio com o Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra-Portugal). Membro do Núcleo de Pesquisa: Fotografia, da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Membro da REDE FOLKCOM – Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação. Membro da RPCFB - Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil. Email: itanobre@gmail.com

informações sempre fez parte da essência da profissão, a prática jornalística do século XXI está se desenvolvendo mais intensamente no que tange às conexões de rede sem fio⁴ através de aparelhos digitais. Essas ferramentas são introduzidas nas rotinas laborais com a justificativa de potencializar o trabalho de campo dos profissionais. No jornalismo, a mobilidade promove maior celeridade tanto nos processos de produção quanto nos de distribuição de conteúdo. Além disso, os formatos e linguagens passam a ser repensados quando o consumo de produtos jornalísticos é feito, majoritariamente, através de tecnologias móveis digitais. A própria ergonomia dos *smartphones* e *tablets*, por exemplo, traz a necessidade de adequações das produções diante das limitações físicas desses aparelhos. Por outro lado, o jornalismo tem encontrado em ferramentas móveis um instrumento de trabalho multifuncional.

Diante desse cenário, hibridização e ubiquidade são consideradas palavras-chave. A primeira, no jornalismo, ocorre quando em um único o aparelho - citemos como exemplo para visualização o *smartphone* - encontra-se diversas funcionalidades antes obtidas apenas em equipamentos distintos, como gravador de voz e vídeo, câmera fotográfica, bloco de notas e ainda o acesso à Internet. Já a ubiquidade se refere ao acesso às informações em qualquer horário ou lugar, resignificando os conceitos de tempo e espaço.

Apesar de ambos terem funcionalidades básicas semelhantes, celulares e *smartphones* não são vocábulos sinônimos. Um aparelho celular é aquele que proporciona aos usuários suas funções mais básicas: efetuar e receber chamadas; enviar e receber mensagens de texto SMS (*Short Message Service*) e, depois de um tempo, de MMS (*Multimedia Message Service*), em que conteúdos multimídia puderam ser adicionados às mensagens. O armazenamento dos celulares é consideravelmente pequeno, não suportando grandes arquivos de mídia. Quando têm acesso à Internet, esses aparelhos o fazem através da rede "WAP", na rede 2G. Alguns trazem *Bluetooth*, tecnologia de troca de dados, mas não fazem conexão na *web* pelo WI-FI⁵.

Já os *smartphones* têm armazenamento ampliado (geralmente 8 ou 16GB), com possibilidade de expansão por cartão de memória. A principal diferença está nos seus processadores como os dos computadores. Assim, são constituídos por um sistema operacional; os principais são: *Android*, *Windows Phone*, *iOS* e *BlackBerry OS*. A

⁴ Denominamos, nesse contexto, conexões de redes sem fio como Wifi, 3G, 4G, Wifi e Bluetooth. Esses tipos de conexão, quando realizadas por meio de dispositivos móveis digitais, proporcionam aos jornalistas o acesso à Internet em tempo real para suprir suas demandas produtivas.

⁵ Acesso à Internet sem fio.

conexão na Internet através dos *smartphones* é feita nas redes 3G, 4G e WI-FI. Ao contrário dos celulares, são multitarefa, uma vez que é possível trabalhar em mais de uma aplicação simultaneamente.

Antes da mobilidade das tecnologias digitais, o repórter de um jornal impresso tinha a função de ir a campo para apurar informações e redigir a notícia escrita. Suas ferramentas de trabalho, comumente, eram bloquinho, lápis e, em alguns casos, gravador de voz (TRAVANCAS, 1993). As fotografias eram de responsabilidade de outro profissional, o fotógrafo. Já o escalamento do jornalista para apurar determinado acontecimento ou fato eram funções do pauteiro.

Hoje em dia, observa-se que o repórter precisa aprender a lidar com diversas mídias. Uma vez munido de um aparelho móvel multifuncional, seu trabalho não é mais limitado à apuração e escrita. É preciso fazer fotos, vídeos e até mesmo *podcasts* para a disponibilização de materiais adicionais nas plataformas midiáticas da empresa na qual trabalha. Dessa maneira, é possível a visualização de um novo panorama de atuação jornalística. Pereira e Adghirni (2009), em suas apreciações acerca das mudanças estruturais no jornalismo, refletem sobre o surgimento de um perfil profissional pautado na multimídia e polivalência de funções. O jornalista deverá ter a capacidade de lidar com várias tecnologias digitais, as quais também exigem linguagens diferenciadas no momento da repercussão de conteúdos em suas plataformas.

Do bolso direito do colete, ele retira uma câmera e começa a filmar. Algumas vezes para e saca fotos com o mesmo aparelho. No bolso esquerdo, carrega um palmtop e uma caneta. A tiracolo, um pequeno notebook. E, no cinto, outros apetrechos, como pilha e bateria, cartão eletrônico, cartão de crédito, gravador digital, binóculo e celular (JORGE; PEREIRA; ADGHIRNI, p.85, 2009).

Diante desse panorama no mercado jornalístico, cujas modificações pelas quais está passando têm relação direta com a ascensão das tecnologias móveis digitais, as pesquisas acadêmicas ligadas à Comunicação devem se voltar para a investigação científica do jornalismo móvel e suas consequências para os profissionais e também para o próprio aspecto qualitativo das informações produzidas nesses meios.

Guiamos a produção deste artigo por meio da seguinte pergunta-problema: qual é o objeto de pesquisa do jornalismo móvel digital na Comunicação? Utilizamos a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico, a qual trata da sistematização de uma área do conhecimento para que seja conhecido até que ponto o saber científico

já caminhou em determinado assunto e também para ter um aparato teórico de fundamentação. Assim, verificamos que a pesquisa bibliográfica se trata, amplamente, do primeiro passo de todo trabalho de pesquisa (STUMPF, 2006, p. 51). A pesquisa bibliográfica urge como um mapa que facilita a trajetória de outras pesquisas, expondo quais são as lacunas, correntes, metodologias utilizadas e perspectivas abordadas.

Além disso, os materiais já desenvolvidos podem servir de base para o progresso de novos trabalhos. Essa metodologia é baseada em uma seleção da literatura sobre do jornalismo móvel, economia política da mídia e globalização. A sistematização foi feita através de fichamentos, resumos, resenhas, trabalho monográfico e atual desenvolvimento de trabalho de dissertação.

Durante a pesquisa, percebemos que o jornalismo móvel desponta como um campo de estudo dentro das pesquisas voltadas para o jornalismo de uma maneira geral. Este trabalho, portanto, se propõe a ser um breve espaço de discussão acerca do jornalismo móvel digital como objeto de estudo da Comunicação.

BREVE REFLEXÃO DA ECONOMIA POLÍTICA: SOCIEDADE, GLOBALIZAÇÃO E TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Embora questões referentes à economia política não sejam o foco deste artigo, é importante fazermos antes da discussão propriamente dita uma reflexão sobre os fatores políticos e econômicos que influenciaram o desenvolvimento das tecnologias móveis. Sendo assim, é preciso cautela ao apresentar um campo de estudo no que diz respeito ao uso dos Dispositivos Móveis (DM) no jornalismo. Os profissionais e acadêmicos da Comunicação tendem a restringir as análises ao próprio campo, buscando paralelos nas teorias da comunicação e fazendo observações no que diz respeito aos aspectos técnicos. Não obstante, para compreender o papel dos DM na rotina jornalística, é necessário que seja levado em consideração também o processo de desenvolvimento tecnológico.

Tal perspectiva não se limita às observações teóricas da Comunicação Social. A base da tecnologia é bem mais ampla e envolve em seu conjunto, inclusive, aspectos econômicos e políticos. Esta parte do trabalho delimita um curto recorte histórico da sociedade globalizada e suas ramificações nas conjunturas da tecnologia da informação,

uma vez que sua compreensão introdutória é significativa antes de entrarmos nas discussões sobre os *smartphones* no jornalismo.

Contudo, não cabem nestas linhas um aprofundamento da teoria da globalização e suas complexidades. O objetivo deste tópico, em vez disso, é trazer uma breve reflexão da ocasião pela qual passava o mundo quando começou a despontar a tecnologia. Esta, para ser mais efetivamente compreendida, deve ser lida como parte de um contexto, em especial no que tange aos acontecimentos econômicos e sociais das últimas décadas, e não como um fenômeno isolado ou inerente ao jornalismo.

Isso posto, é sabido que o panorama social ao redor do mundo passou por inúmeras transformações ao longo do tempo. As economias dos países, apesar de serem inseridas em sistemas econômicos diferentes, começaram a apresentar uma nova forma de interação, direcionada para a convergência interna e uma maior interdependência. Sobre esse quadro, Castells (1999, p. 39), ponderou que "economias por todo o mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável".

Por volta dos anos 90, o Pacto de Belaveja⁶ decretou a extinção da União Soviética e, conseqüentemente, deixou mais fraco o movimento socialista no mundo. Isso ocasionou, ainda, a reestruturação do próprio capitalismo, a qual, entre tantos aspectos, foi caracterizada especialmente por uma maior flexibilidade do gerenciamento, fortalecimento da presença das mulheres no mercado de trabalho remunerado e a aproximação mundial das economias.

No âmbito da América Latina, é relevante observar que, em sua conjuntura histórica, diversas mudanças convergiram para um contexto de privatização e liberação dos mercados nesse período. Observa-se que a situação apresentada na América Latina na década de 1980, estendida a 1990, reproduziu frações da crise do capital iniciada em meados da década de 1970, a qual somou um longo período recessivo ao elevado índice de desemprego e inflação acentuada. O referido quadro, enquanto parte de um panorama macrossocial, objetivou articular uma diversidade de medidas no campo das políticas públicas e sociais dos países latinos, que tende a seguir as orientações da ótica

⁶ Também encontrado como Acordo Secreto de Minsk, trata-se de um documento não oficial assinado, de forma confidencial, no dia 8 de dezembro de 1991, pelos presidentes da Rússia, Bielorrússia e Ucrânia. O objetivo foi decretar o fim da União Soviética e reiterar a independência das nações que a compuseram. (Fonte: <http://pt.unionpedia.org/i/Pacto_de_Belaveja>. Acesso em: 17 nov. 2015.)

neoliberal, visando uma abertura de mercado, a redução de gastos e pela descaracterização dos direitos sociais de cidadania. Na apreciação de Lima (2010):

Ainda nos anos 90, na maioria dos países da América do Sul, por exemplo, o Produto Interno Bruto (PIB) estagnou ou mesmo reduziu, aumentando assim as taxas de desemprego informal e diminuindo as remunerações reais. Nesse sentido, o Estado Nacional enfraqueceu-se, dando lugar ao mercado, e este acentuou a precariedade do emprego, dos salários, dos trabalhadores sem a seguridade social. (LIMA, 2010, p. 2).

Para a compreensão mais ampla do que este trabalho propõe, é preciso analisar, além dos âmbitos econômico e político, o ponto de vista social. Para este, o qual começou a ser definido a partir das conveniências econômicas, não é possível identificar historicamente o ponto de partida específico em que houve o surgimento de iniciativas voltadas às políticas sociais. De acordo com Behring e Boschetti (2006, p. 47), isso ocorre porque “elas se gestaram na confluência dos movimentos de ascensão do capitalismo com a Revolução Industrial, das lutas de classe e do desenvolvimento da intervenção estatal”.

Ainda nesse panorama, as autoras afirmam que as sociedades as quais estavam vivendo o período do início do capitalismo pregavam algumas responsabilidades sociais, mas não com o objetivo de estabelecer o melhor para todas as camadas da população, e sim para manter a ordem. A maioria era de caráter filantrópico, porém, como pontos iniciais da promoção de políticas sociais, pode-se citar o Estatuto dos Trabalhadores (1349) para melhor visualização da situação proposta.

Saindo do contexto macroeconômico e social para trazer esta apreciação a nível local, vê-se que, em âmbito nacional, os produtos importados passaram a se inserir no mercado brasileiro a partir da década de 90, período no qual o Neoliberalismo⁷ se solidificou no país com o governo Collor. A abertura dos mercados no Estado brasileiro foi acompanhada de uma série de outras interações com países ao redor do mundo, as quais vão além do horizonte econômico.

Desde meados do século XX, vem se utilizando o termo Globalização para dar significado ao processo caracterizado por contínua intensificação das interações entre os países – em vários âmbitos, como social, tecnológico, político, econômico, cultural e

⁷ Doutrina econômica proposta no início do século XX para defender a liberdade de mercado e a restrição à intervenção estatal no que diz respeito à economia, que deveria ocorrer, apenas, em setores primordiais e, mesmo assim, em um grau mínimo.

científico - e pelas transformações em todas as áreas do conhecimento. Thompson (2009, p. 136) traz que apesar de esse fenômeno estar mais intenso nas últimas décadas, ele não é novo, pois “suas origens remontam à expansão do comércio no período da idade média e início do período moderno”. Mesmo que tal processo tenha proporcionado amplo desenvolvimento nas áreas já citadas para as nações do planeta, observando por outra perspectiva, o progresso se acentuou de maneira desigual entre os países, devido à má concentração de renda e recursos.

Ademais, analisando o contexto tecnológico a partir deste ponto, com foco nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), percebeu-se que, assim como as demais esferas do conhecimento, o campo do jornalismo também está se encaminhando para um novo cenário por causa da Globalização. A atividade jornalística é, inclusive, uma das ferramentas de fomento dessa conjuntura de mudanças, uma vez que aproxima as pessoas através dos produtos midiáticos diariamente disseminados. As notícias publicadas de maneira cíclica, a todo tempo, espalham-se ao redor do mundo nas mais diversas plataformas e quebram barreiras de espaço e tempo.

Há, entretanto, duas facetas para a observação do jornalismo em um mundo globalizado: por um lado, o jornalismo se beneficia da revolução tecnológica e encontra disponíveis diversos aparatos eletrônicos que facilitam a realização dos trabalhos cotidianos. A televisão, por exemplo, que chegou ao Brasil em 1950, trazida pelo empresário Assis Chateaubriand, apresenta hoje uma qualidade técnica e editorial completamente diferente do período de seus primórdios. No jornalismo impresso, o desenvolvimento do computador – que deixou de ser utilizado apenas em estruturas fixas e ganhou mobilidade a partir do advento dos *smartphones* – auxilia os profissionais a levar a informação ao público de forma mais célere.

Por outro lado, se a tecnologia é capaz de aproximar o profissional de suas fontes, também pode ocasionar um maior distanciamento por causa da rapidez exigida pela produção e da facilidade que a ela proporciona. Outrora as entrevistas eram realizadas presencialmente ou, em casos extremos, até mesmo via correio. Hoje em dia, podem ser feitas pelo celular, de qualquer lugar, através das mídias sociais. É preciso, então, refletir até que ponto o desenvolvimento da tecnologia no campo da comunicação é positivo ou negativo para a área e seus profissionais. Da mesma maneira, para que isso seja possível, é preciso definir quais são as delimitações dos objetos pertencentes a esse campo de pesquisa.

As mudanças no modo de produção sofridas pelo jornalismo e até por todas as áreas da comunicação, de uma forma geral, não se restringem à conjuntura técnica. Para permear as modernas tecnologias da informação, novas linguagens estão surgindo com o objetivo de se adaptar à rotina atual do consumidor dos produtos da mídia. Este, por sua vez, também alterou sua postura diante da recepção dos conteúdos. A troca de informações, a qual antigamente era feita face-a-face, teve a sua popularização por meio dos veículos impressos. O público, nesse sentido, era receptor passivo. Lia as notícias, as significava, mas era difícil contestá-las ou até mesmo debate-las com seu produtor. Hoje em dia, o jornalismo na era digital é marcado por constante interação entre mídia e público, em que os consumidores das produções jornalísticas atuam diretamente na construção daquilo que é disseminado pelos meios de comunicação, promovendo um jornalismo mais colaborativo. A prática jornalística deixou de ser um produto pronto para se tornar uma construção.

Dessa maneira, a comunicação, no atual contexto histórico em que estamos vivendo, é marcada por sua escala global e redefinição dos conceitos de tempo e espaço. Thompson (2009) conclui que a tecnologia da informação e a consequente modernização das formas de produção jornalísticas encurta distâncias e aumenta a interação entre os indivíduos. Esse quadro de reconfigurações, segundo o sociólogo, faz parte do processo da globalização.

A reordenação do espaço e do tempo provocada pelo desenvolvimento da mídia faz parte de um conjunto mais amplo de processos que transformaram (e ainda estão transformando) o mundo moderno. Estes processos são comumente descritos hoje como "globalização". O termo não é preciso, pois é usado de diversas maneiras na literatura. No sentido mais geral, ele se refere à crescente interconexão entre as diferentes partes do mundo, um processo que deu origem às formas complexas de interação e interdependência (THOMPSON, 2009, p. 135).

No que diz respeito à economia em uma sociedade globalizada, tem-se, resumidamente, a valorização do capital, renovação das formas de produção, comércio e até mesmo de consumo. A interação entre os países está maior a partir da facilidade de comunicação e disseminação de informações ao redor do planeta, proporcionado, muitas vezes, pelo papel do jornalismo.

Todavia, na medida em que são oferecidos novos aparatos tecnológicos, também são exigidas competências inovadoras naquilo que é diariamente reproduzido. Ou seja, cada plataforma exige um tipo de linguagem específico que deve ser seguido pelo

profissional para que elas sejam aproveitadas todas as suas especificidades. Tudo isso é um ciclo no qual as dinâmicas político-econômicas interferem diretamente na tecnologia da informação que, por sua vez, altera os modos de produção e recepção dos conteúdos jornalísticos.

O papel do jornalista, nesse contexto, torna-se mais dinâmico a partir do momento em que pode produzir suas notícias em novas ferramentas tecnológicas, quebrando a dependência da estrutura física das redações em grande parte das ocasiões. Nesse sentido, como há um considerável avanço quanto à tecnologia ligada à produção da comunicação, as estruturas tradicionais de construção de notícias para o ambiente virtual também devem sofrer adequações. A utilização da pirâmide invertida no *lead* - primeiro parágrafo de uma notícia no qual são respondidas as questões principais da informação (o quê, quem, como, quando, onde e por quê) - não é a única maneira disponível de se fazer notícia.

Nessa perspectiva, a Internet possibilita inúmeras outras formas de inovação nos produtos jornalísticos. Para Murad (1999, p.4) "o jornalismo na internet está cheio de oportunidades, tanto no processo de produção e difusão da notícia, como na disposição de redes interativas e tecnologias digitais".

MOBILIDADE X PORTABILIDADE: O JORNALISMO MÓVEL DIGITAL COMO OBJETO DE PESQUISA

Apesar de ser uma prática em desenvolvimento, o jornalismo móvel digital é um campo ainda pouco explorado ao se levar em consideração outras áreas da Comunicação, como audiovisual, fotografia e Teorias do Jornalismo, por exemplo. Contudo, conforme a tecnologia vai progredindo tecnicamente, conseqüentemente as práticas jornalísticas e a postura do público também se modificam. Diante do célere desenvolvimento tecnológico e da conseqüente penetração das tecnologias na vida cotidiana da sociedade, o jornalismo viu que também deveria se adaptar a esse contexto de modo a atender à demanda de seu público (MIELNICZUK, 2013).

Silva (2013, p.100) reflete que "o jornalismo móvel trata-se da modalidade de atuação por meio de tecnologias portáteis que permitem fluidez nos deslocamentos de natureza física ou informacional estendidos por redes digitais móveis". A partir daí, propõe o conceito de jornalismo móvel digital para relacionar o jornalismo e a

mobilidade na conjuntura contemporânea de amplo desenvolvimento das tecnologias digitais e sua apropriação pelo jornalismo.

Em uma observação semântica, o significado de mobilidade e portabilidade se afinam. De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa⁸, mobilidade é: 1) qualidade do que é móvel; 2) faculdade de mover-se. Já portabilidade, para o mesmo dicionário, significa: 1) qualidade do que é portátil; 2) [Informática] qualidade de um componente ou de um programa informático que o torna capaz de ser usado em diferentes sistemas e computadores; 3) [Telecomunicações] Funcionalidade que permite manter o mesmo número de telefone se o cliente decidir mudar de operador de telecomunicações.

À vista disso, o estudo do jornalismo móvel digital é algo que precisa levar em consideração a forma como é constituída a prática jornalística. De acordo com Satuf (2015), analisar de forma adequada o termo "mobilidade" é ponto inicial fundamental para pesquisar essa área. Tratar mobilidade como sinônimo de portabilidade significa afirmar que o jornalismo é móvel desde o início, uma vez que os periódicos impressos são anatômicos o suficiente para acompanhar o leitor em seus trajetos diários. Satuf (2015, p. 442) propõe que "se olharmos para o passado do jornalismo encontraremos uma série de suportes portáteis que não se enquadram no que hoje são denominados dispositivos móveis".

O jornalismo móvel digital, visto nessa perspectiva, não se resume apenas à característica da mobilidade. Há vários outros apontamentos que devem ser vistos, como a mutabilidade do produto jornalístico. Um jornal impresso tem o mesmo conteúdo em todas as horas do dia após sua impressão. Sua principal particularidade é a hibridização de funções.

Os dispositivos que servem ao jornalismo móvel são muito diferentes do jornal e do rádio, pois, além da portabilidade, estão associados a capacidades telefônicas e computacionais que os integram a outras lógicas de usos e consumos. Do ponto de vista instrumental, Aguado e Martínez (2008a) atribuem às tecnologias móveis o caráter de "meta-dispositivos" que agregam e recombinaem diversas funções num único aparelho responsável por promover a hibridização de três dimensões comunicativas: as *self*-media, as mídias conversacionais e os meios de comunicação tradicionais. (SATUF, 2015, p. 443).

⁸ Disponível para consulta em: <http://www.priberam.pt/>

As *self*-mídia são as características do aparelho diretamente relacionadas com os conteúdos produzidos por seus usuários. Satuf (2015) alega que isso diz respeito tanto os *affordances*⁹ do hardware (parte física), como uma câmera, quanto os aplicativos pós-instalados e escolhidos por quem usa o *smartphone*. As mídias conversacionais, para o autor, são aquelas que dizem respeito à comunicação objetivada pela telefonia, encontrada tanto nos aparelhos atuais quanto nos celulares antigos. Os meios tradicionais são os que estão fora dos *smartphones*, são objetos independentes, mas devido ao desenvolvimento tecnológico também são inseridos nele; por exemplo: rádio FM.

A integração de todos esses três elementos é o que dá forma aos dispositivos móveis utilizados pelo jornalismo atualmente. Satuf (2015, p. 444), sob à luz das análises de Aguado e Martínez (2008a), sugere as três características primordiais dos dispositivos móveis. Apresentamos, abaixo, o Quadro 1, os resultados para maior eficiência em compreensão didática:

Quadro 1 – Características dos dispositivos móveis

Característica	Significado	Nossa interpretação
Ubiquidade	Capacidade de conexão estendida no tempo e no espaço	No jornalismo, a ubiquidade acontece a partir do momento em que a notícia pode ser acessada a qualquer lugar e momento. Ou seja, significa, em um contexto móvel, a “onipresença” dos conteúdos noticiosos em todo ambiente em que haja conexão à Internet.
Adaptabilidade	Conteúdos gerados por demanda e sensíveis ao contexto do usuário	O jornalismo de dispositivos móveis traz conteúdos adaptados ao contexto local em que os leitores estão inseridos.
Multifuncionalidade	Integração de aplicações e formatos oriundos de outros	O <i>smartphone</i> proporciona a utilização

⁹ Termo criado pelo psicólogo James J. Gibson, *affordance* é o potencial de um objeto de ser usado como foi projetado para ser usado.

	meios.	de várias ferramentas em um único aparelho. Exemplos disso são a câmera fotográfica, agenda, gravador de áudio e editores de texto.
--	--------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Adaptado de Aguado e Martínez (2008a) *apud* Satuf (2015).

Portanto, os dispositivos móveis utilizados no jornalismo são aqueles os quais apresentam tais características. Assim, para fins de estudo científico, haverá como diferenciá-los de outras plataformas de comunicação que são portáteis, mas não se encaixam no contexto tecnológico ocasionado pelos fatores político-econômico-sociais citados no tópico inicial deste trabalho. Definindo jornalismo móvel, Satuf (2015, p.444) explica:

[...] Um conjunto de práticas de produção, edição, circulação e consumo de conteúdos jornalísticos em dispositivos portáteis digitais que agregam conexão ubíqua, conteúdos por demanda adaptados ao contexto do usuário e integração de múltiplos formatos midiáticos. (SATUF, 2015, p. 444).

Apesar de a mobilidade já ser objeto de estudo científico há alguns anos (AGUADO, 2009; AZAMBUJA, 2009; BARBOSA, 2007; FIDALGO e CANAVILHAS, 2009; LEMOS, 2004), a conceituação de jornalismo móvel digital, bem como a explanação acerca de todas as demais fases do jornalismo móvel, já discutidas em meados da década de 90, são relativamente recentes (SILVA, 2013; SILVA, 2015). Nesse sentido, o uso das tecnologias móveis digitais no jornalismo acarreta na compreensão do termo *jornalismo móvel digital* (SILVA, 2015, grifo nosso).

Sinteticamente, o conceito de jornalismo móvel digital é adotado para a definição da prática jornalística de campo em suas diversas vertentes - apuração, produção, distribuição e transmissão ao vivo - através de dispositivos móveis digitais (SILVA, 2013). Essa possibilidade desloca o espaço de trabalho do jornalista, antes exclusivo das redações, para seu próprio espaço de campo, “a rua”. Todavia, apesar de ampliar o leque de ferramentas para uma produção mais célere, tal prática também pode acarretar tensionamentos para os profissionais e sua relação com o mercado de trabalho. Silva (2013) analisa:

O jornalismo móvel digital dimensiona a produção ou o fazer jornalístico a partir da interface desse conjunto de tecnologias e de estratégias agregando mudanças e novos valores às rotinas produtivas dos jornalistas. Desde esse

ponto de vista, isso significa que as tecnologias de comunicação móvel abrem caminhos para novas possibilidades no jornalismo e, ao mesmo tempo, trazem inconvenientes quem precisam ser investigados como resultantes dessa mesma expressão sobre as práticas tradicionais afetadas numa zona de tensão permanente. (SILVA, 2013, p.101).

O jornalismo móvel digital vem, portanto, ganhando cada vez mais espaço nas rotinas de produção das redações. Avaliamos que o seu desenvolvimento tem considerável relação com o crescimento do jornalismo online, uma vez que a produção de notícias para a plataforma *web* exige e possibilita maior rapidez e instantaneidade em relação ao tempo de execução de um jornalismo impresso, por exemplo.

Por conseguinte, consideramos o objeto de estudo empírico do jornalismo móvel digital não se limita aos aspectos técnicos dos dispositivos móveis, mas também envolve as rotinas de produção, disseminação e transmissão ao vivo, conforme a conceituação de Silva (2015), dentro do contexto da prática jornalística. Contudo, não se trata apenas de um viés pragmático. Como objeto teórico, o jornalismo móvel digital deve ser compreendido como uma discussão reflexiva sobre os impactos dessas tecnologias tanto para os profissionais quanto para a qualidade do produto jornalístico.

O jornalismo móvel digital se configura como uma problemática em ascensão nas pesquisas em Comunicação, pois é de significativa relevância para a produção de conhecimento científico nos estudos da área, especificamente do jornalismo, a compreensão desse contexto que não é mais uma perspectiva de futuro, e sim uma realidade presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os *smartphones* tornaram mais ágil e multimídia a prática do jornalismo móvel digital. As redes de conexão à Internet Wifi, 3G e 4G, além de servirem ao jornalista, proporcionam ao também ao público o acesso à informação sem hora ou local determinados. Ou seja, assim como a presença de tecnologias digitais móveis se tornou parte do cotidiano de quem acessa materiais jornalísticos, os profissionais fazem uso desses aparelhos híbridos para a sua produção.

Diante desse cenário tão significativo, é papel da Comunicação, em especial dos estudos do Jornalismo, investigar e promover reflexões acerca dessa prática. Satuf (2015) a define como uma “subárea acadêmica” cuja relevância é comprovada diante da

velocidade com que o jornalismo se apropria das tecnologias móveis em sua rotina de produção.

Concluimos que a investigação não deve ser limitada ao dispositivo móvel digital como ferramenta técnica. Além disso, deve-se refletir a forma como as tecnologias móveis digitais são utilizadas pelas empresas jornalísticas em sua prática de campo e também acerca dos impactos que esses aparelhos podem causar tanto para qualidade da produção como para a rotina produtiva do próprio jornalista. Características como ubiquidade, adaptabilidade e multifuncionalidade devem ser levadas em consideração ao enquadrar um objeto como parte empírica dos estudos do jornalismo móvel, e não apenas a portabilidade.

Sabendo que ao qualificar o jornalismo como móvel poderá existir a ambiguidade com relação ao vocábulo portátil, Silva (2013, p.124-125) enfatiza que a prática “inaugura uma reconfiguração para o campo do jornalismo no século XXI permitindo unir de forma dinâmica as forças da portabilidade e da ubiquidade, criando um novo agenciamento da produção da notícia suportado por tecnologias móveis”. Por conseguinte, as práticas empíricas enquadradas na definição de jornalismo móvel digital podem e estão sendo analisadas como objeto de estudo em Comunicação.

Estudar a mobilidade no jornalismo implica em conhecer a tendência da prática jornalística na atualidade. Esse modo de produção traz consequências favoráveis e desfavoráveis – em especial de acordo com o olhar dos profissionais – e deve ser conhecido pela ciência, de modo a contribuir para a formação dos jornalistas, a partir do momento em que se verifica até que ponto a academia prepara o profissional para o mercado de trabalho nessas novas condições.

Este trabalho é uma reflexão incipiente sobre os recortes empírico e teóricos na pesquisa do jornalismo móvel digital e visa contribuir para os estudos do jornalismo no que diz respeito à compreensão da ambiência científica que abrange o binômio jornalismo-mobilidade. Para uma próxima produção, aspiramos o desenvolvimento de um trabalho de Estado da Arte no qual explanaremos os principais estudos que tratam da inserção e uso dos dispositivos móveis digitais no jornalismo. Além disso, pretendemos aprofundar a investigação sobre as práticas do jornalismo móvel digital em pesquisa de mestrado já em desenvolvimento com o objetivo de analisar qual é o ecossistema formado a partir da utilização de dispositivos móveis na prática de campo jornalística.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1

JORGE, Thais de Mendonça; PEREIRA, Paulo Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. Jornalismo na Internet: desafios e perspectivas do trinômio formação/universidade/mercado. In: RODRIGUES, Carla. **Jornalismo online: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio : Editora Sulina, 2009.

MIELNICZUK, L. (2013). **O celular afronta o jornalismo**. In S. Barbosa, & L. Mielniczuck (Eds.), *Jornalismo e tecnologias móveis* (pp. 113-125). Covilhã, Portugal: Livros LabCom.

MURAD, Angèle. Oportunidades e desafios para o jornalismo na internet. In *Ciberlegenda*, nº2, 2009. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/241/134>>. Acesso em: 26/03/2016.

SATUF, Ivan. **Jornalismo móvel: da prática à investigação acadêmica**. In: CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan (Org). *Jornalismo para Dispositivos Móveis: Produção, Distribuição e Consumo*. Covilhã: Livros LabCom, 2015.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel digital: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo**. 2013. 408f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Bahia, 2013.

_____. **Jornalismo móvel**. Salvador: EDUFBA, 2015.

STUMPF, Ida Regina. **Pesquisa Bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. 2ed. São Paulo: Atlas, 2006.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.